

**ACTES DEL VII CONGRÉS
DE L'ASSOCIACIÓ HISPÀNICA
DE LITERATURA MEDIEVAL**
(Castelló de la Plana, 22-26 de setembre de 1997)

Volum III

EDITORS:
SANTIAGO FORTUÑO LLORENS
TOMÁS MARTÍNEZ ROMERO



BIBLIOTECA DE LA UNIVERSITAT JAUME I. Dades catalogàfiques

Asociación Hispánica de Literatura Medieval. Congreso Internacional (7è : 1997 : Castelló de la Plana)

Actes del VII Congrés de l'Associació Hispànica de Literatura Medieval : (Castelló de la Plana, 22-26 de setembre de 1997) / editors, Santiago Fortuño Llorens, Tomàs Martínez Romero. — Castelló de la Plana : Publicacions de la Universitat Jaume I, 1999

3 v. ; cm.

Bibliografia. — Textos en català i castellà

ISBN 84-8021-278-0 (o.c.). — ISBN 84-8021-279-9 (v. 1). — ISBN 84-8021-280-2 (v. 2). — ISBN 84-8021-281-0 (v. 3)

1. Literatura espanyola-S. X/XV-Congressos. I. Fortuño Llorens, Santiago, ed. II. Martínez i Romero, Tomàs, ed. III. Universitat Jaume I (Castelló). Publicacions de la Universitat Jaume I, ed. IV. Títol.

821.134.2.09"09/14"(061)

Cap part d'aquesta publicació, incloent-hi el disseny de la coberta, no pot ser reproduïda, emmagatzemada, ni transmesa de cap manera, ni per cap mitjà (elèctric, químic, mecànic, òptic, de gravació o bé de fotocòpia) sense autorització prèvia de la marca editorial.

© Del text: els autors, 1999

© De la present edició: Publicacions de la Universitat Jaume I, 1999

Edita: Publicacions de la Universitat Jaume I
Campus de la Penyeta Roja. 12071 Castelló de la Plana

ISBN: 84-8021-281-0 (tercer volum)
ISBN: 84-8021-278-0 (obra completa)

Imprimeix: Castelló d'Impressió, s. l.

Dipòsit legal: CS-257-1999 (III)



NAVIGATIO S. BRENDANI, DE BENEDEIT: ORIGINAIS E TRADUÇÕES, EM SITUAÇÃO DE LEITURA E RECEPÇÃO

AIRES A. NASCIMENTO

1. Na dedicatória da sua versão em anglo-normando da *Navigatio Sancti Brendani*,¹ Benedeit parece assegurar que, correspondendo a solicitação da rainha inglesa,² havia redigido não apenas uma versão em romance³ mas também uma outra em latim. Mais que isso, se a ordem de enunciado correspondia à da realidade (nada parecendo haver, aliás, que o ponha em causa, bastando a própria menção para o admitir), tal versão latina seria anterior à vernácula.

Diz, efectivamente, a dedicatória (vv. 9-11): «Que comandas ço ad enpris / Secund sun sens en letre mis,⁴ / En letre mis e en romanz, / Eisi cum fud li te-

1. O título de *Voyage de Saint Brandan* não tem atestação anterior ao séc. xv; os manuscritos, na maior parte, são acéfalos e o próprio título de *Vita* que aparece em alguns pertence a mão tardia. A distinção entre *Vita S. Brendani* (VSB) e *Navigatio Sancti Brendani* (NSB) é hoje questão pacífica (ainda que não o seja o da prioridade das versões que delas se possuem, embora se admita que a VSB é anterior à NSB) e corresponde cada uma delas a modelo específico, independentemente de contaminações ocorridas ao longo da sua formação. Como elementos de referência anote-se que a NSB foi publicada pela primeira vez por Achille Jubinal, 1836: *La légende latine de Saint Brandaines*, Paris; a edição hoje aceite, ainda que com reservas relativamente à sistematização da tradição e eventual escolha de lições, é a de C. Selmer, 1959: *Navigatio Sancti Brendani abbatis*, Notre Dame, Indiana. Sobre a divulgação da legenda fora dos limites da Irlanda e sua difusão na Idade Média, cf. M. Esposito, 1938: «Sur la «*Navigatio Sancti Brendani*» et sur ses versions italiennes», *Romania*, 64, pp. 328-364 e A. Graf, 1984: *Miti, leggende e superstizioni del Medio Evo*, Milão (= Turim, 1882), 1, pp. 119-131.

2. Que se trate da rainha Aaliz / Alice ou Mahalt / Mafalda, segundo a alternativa documentada pela tradição textual, a decisão não é aqui relevante, pois a distância cronológica é pequena, já que esta morre em 1118 e aquela lhe sucede como esposa de Henrique I, de Inglaterra, em 1120. A substituição nada tem de surpreendente nem de inusitado, pois também o *Bestiaire* de Philippe de Thaün é dedicado a Alicia, em 1121, e a Alienor da Aquitânia em 1152.

3. Entenda-se por anglo-normando o francês antigo que se usa em Inglaterra como língua literária desde a conquista de Guilherme da Normandia, em 1066, até à época de Chaucer, no séc. xiv e que era a língua das classes dirigentes inglesas até finais do séc. xiii.

4. Seguimos aqui a edição de E. G. R. Waters, 1928: *The Anglo-Norman Voyage of Saint Brendan by Benedeit, a poem of early twelfth century*, Oxford. A edição de Ian Short, 1984: *Benedeit, Le voyage de Saint Brandan*, Paris, segue a lição do ms A que, em lugar de *en letre mis* (primo), opta por *entremis*, certamente por não reconhecer significado na iteração do inciso, no verso seguinte; não parece, porém, haver razões suficientes para desprezar a tradição melhor atestada.

ons cumanz». Ponderando os vários elementos textuais, entendemos o passo como: «Aquilo que tu ordenaste, isso ele (Benedeit) empreendeu, seguindo o sentido em latim compôs; em latim compôs e em romance, tal como foi o teu encargo».

Há um termo deste passo textual que não apresenta sentido imediato, *lettre*. Não se pode negar, todavia, que o conectivo *e*, cuja presença na transmissão textual não sofre dúvidas, postula dois elementos de valor autónomo; por isso não parece que seja de excluir a correspondência que lhe atribuímos («latim», em contraposição a «romance»).⁵ Ambiguidade existe também na referência de *sens*; a questão está em dirimir se Benedeit pretende apontar para uma fidelidade de «sentido» à legenda brandaniana tradicional, incluindo a sua economia de desenvolvimento (a *dispositio*), ou se alude a atitude mantida para com a rainha, em respeito de orientação dela recebida ou com ela combinada para o tratamento dessa mesma legenda.

Convenhamos que o passo é demasiado breve para ser explícito. Não ficando patente a referência correspondente àqueles dados, não nos ficam acessíveis igualmente outros problemas, como o da relação existente entre as duas versões. Também não se dão a conhecer os destinatários de uma versão ou de outra. Não ficam patentes, por outro lado, as razões que estariam na origem de cada uma nem são explicitados seja o intento da peticionária seja o objectivo do executante.

Se, quanto a esta questão, podemos entrever razões para a elaboração da versão em vernáculo (acesso, por parte de pessoas menos instruídas, a um texto divulgado em língua latina ou eventual contrapeso a eventuais versões que correriam nas línguas insulares, alternativa reclamada por quem vinha do continente e usava outra língua), é menos líquido qualquer motivo de encomenda para a versão latina. Ao aceitarmos, para o passo em causa, a interpretação de que Benedeit, ao dar cumprimento às ordens da suserana, procurava manter-se fiel tanto ao sentido como ao argumento da versão conhecida e se assumirmos que esta não é outra que aquela que chegou também até nós e que é justamente em latim, só uma elaboração literária a justificaria. Mas, então, teríamos de admitir a existência de um ambiente em que tal valor era apreciado.

5. A tradução de Ian Short, 1984: *Benedeit, Le voyage de Saint Brandan*, Paris, sendo bastante livre, parece-nos, no caso dos versos em questão, limitar o sentido do texto: embora reconheça, em nota, que *lettre* tinha em francês antigo dois sentidos («escrita» e «latim»), adopta o primeiro, sem deixar, todavia, de admitir a possibilidade complementar, independentemente de a versão latina não ter sobrevivido. De fidelidade maior, com correspondência directa ao texto, é a tradução de Marie-José Lemarchand, 1983: *El viaje de San Brandán de Benedeit*, Madrid. Cf. igualmente Marie-José Lemarchand Malandain, 1981 (diss.): *Le voyage de Saint Brandan, de Benedeit: estudio léxico, sintáctico y semiótico*, Barcelona.

É difícil julgar o grau de convencionalismo que envolve a dedicatória. Seja ele qual for, o mínimo que teremos de salvaguardar no que aí se afirma, e que o próprio texto de Benedeit permite confirmar, é que, se o autor procurou fidelidade a um modelo, criou também uma alteridade.

Ora, para haver fidelidade ao modelo, fosse ela intencionalmente procurada ou apenas confessada, teria de ser assumido o texto tradicional, já que tal se impunha pela aceitação comprovada pela abundância de manuscritos que ainda hoje podem ser recuperados.⁶ A alternativa à versão tradicional, assumida na fidelidade, só ganhava legitimidade se conduzisse a ganhos reais de superação literária ou de clarificação do texto tradicional reclamada por novos leitores ou, mais especificamente, pelo acrescentamento de uma orientação de leitura consentânea com valores a incrementar.

A tradução para romance que imediatamente se teria seguido explicar-se-ia tanto mais quanto se pretendesse inculcar e difundir essa mensagem, que em primeiro lugar se transmitira a uma classe escolarizada, ou quanto mais se pretendesse, através de um tema prestigiado, ganhar créditos para a própria língua em que se exprimiam os novos senhores que ocupavam a cena política e pretendiam também exercer influências culturais.

A reescrita do texto na língua do original latino, a não ser imposta por qualquer ruptura com modelos linguísticos (factor não documentado para o tempo)⁷ só parecia justificar-se a partir de um acréscimo procurado de transparência do texto. É nesta valorização do intérprete do texto que teremos de situar o tradutor. Efectivamente, ao longo da tradição ocidental, muito mais que transpositor de uma língua para outra (na censurada designação horaciana de *fidus interpres*),⁸ a sua função é fundamentalmente a de clarificador e explici-

6. O último editor apurou nada menos que um número que ultrapassa 120 testemunhos, ainda que tenha optado por servir-se apenas de 18, não sem viva controvérsia por parte dos críticos na apreciação do *stemma codicum*: cf. J. Carney, rec. a C. Selmer, *ed. laud.* in *Medium Aevum*, 32, 1963, 37-44; Ioannes Orlandi, 1968: *Navigatio Sancti Brendani-I* Milão. A distribuição cronológica de manuscritos é, segundo C. Selmer, *Op. cit.*, p. xxvii, 3 para o séc. x; 10, para o séc. x / xi; 14 para séc. xi; 23 para o séc. xii; 29 para o séc. xiii; 19 para o séc. xiv; 28 para o séc. xv.

7. Ainda que não seja de desprezar o movimento justamente reconhecido como renascimento do séc. xii, com o alargamento do papel das escolas religiosas e seculares, para fora dos claustros tradicionais, não parece que isso tenha incluído o regresso a padrões normalizados de gramática. Cf. *Entretiens sur la Renaissance du xii.e siècle*, Paris, 1968; R. L. Benson & G. Constable (ed.), 1982: *Renaissance and Renewal in the twelfth century*, Oxford; Ch. H. Haskins, 1927: *Renaissance of the twelfth century*, Cambridge.

8. *Ars poet.*: 133.

tador de sentido,⁹ habitualmente por exigências de actualização de leitura mais que por transposição filologicamente equivalente. Se preferimos falar em reescrita quando permanecemos na mesma língua e se é evidente que ao longo da história da tradução esta supõe duas línguas em confronto, nada impede, nem vai contra a fidelidade propugnada, que, prevalecendo determinada carga semântica, se assuma tanto a língua do original como outra, em momentos diferentes e complementares.

A hipótese ganharia consistência se lhe pudéssemos contrapor uma análise das duas versões e verificar quais as correspondências e as modalidades de expressão escolhida num caso ou noutro. Não se conservando qualquer testemunho da versão latina em que explicitamente se atribua a Benedeit a autoria sobre ela, a validação da hipótese, com a da leitura proposta para a dedicatória, só pode fazer-se por via indirecta e a recuperação do trabalho eventualmente realizado unicamente tem viabilidade por comparação entre a versão vernácula e o texto tradicional da *Navigatio*,¹⁰ para interpretar sobretudo o valor das variantes de estrutura.

Ora, se, no confronto, ressaltam as semelhanças (confirmando-se assim a interpretação que privilegie nas declarações de Benedeit a fidelidade ao texto tradicional), uma análise de pormenor não revela menos que, por trás de alterações, omissões e aditamentos ou transposições (as quatro categorias fundamentais de intervenção sobre um texto),¹¹ se esconde uma nova leitura do texto.¹² Tais fenómenos implicam reajustamentos e correspondem a uma reescrita que ultrapassa a mera transposição do texto de base para uma forma métrica.

9. Por ser um texto menos conhecido, ainda que perfeitamente ilustrativo da procura de *perspicuitas* no trabalho de tradução, aduziremos a formulação de Martinho de Braga na introdução à sua versão dos *Capitula ex orientalium Patrum synodis*: «Quia difficile est ut simplicius aliquid ex alia lingua transferatur in alteram, simulque et illud accidit ut in tantis temporibus scriptores aut non intellegentes aut dormitantes multa praetermittant, et propterea in ipsos canones aliqua apud simpliciores uideantur obscura, ideo uisum est ut cum omni diligentia et ea quae per translatores obscurius dicta sunt et ea quae per scriptores sunt immutata, simplicius et emendatius restaurarem, hoc simul obseruans ut illam quae ad episcopos uel uniuersum pertinent clerum una parte conscripti sint, similiter et quae ad laicos pertinent simul sint adunata ut de quo capitulo aliquis scire uoluerit possit celerius inuenire. Cf. C. W. Barlow (ed.), 1950 *Martini Episcopi Bracaraensis Opera omnia*, New Haven, pp. 123-124.

10. Tal confronto, realizado por E. G. R. Waters, 1928: *The Anglo-Norman Voyage of Saint Brendan by Benedeit, a poem of early twelfth century*, cap. v, pp. lxxxi-cv, «The relation of the anglo-norman poem to the *Navigatio Sancti Brendani*», é por nós retomado em edição da *Navigatio S. Brandani* segundo testemunhos de bibliotecas portuguesas: Aires A. Nascimento 1998, *A Navegação de S. Bandrãs nas fontes portuguesas medievais*, Lisboa, Edi. Colibrí.

11. Ou na terminologia tradicional, *adiectio*, *detractio*, *transmutatio*, *immutatio*; cf. H. Lausberg, 1966: *Elementos de retórica literária* (trad. de R. M. Rosado Fernandes), Lisboa, p. 101.

12. Assim nos propusemos fazer na introdução à edição da versão do Alc. 380, in *A Navegação...* cit. supra

A alteração não radica apenas na supressão de passos bíblicos (aligeirando uma versão dirigida a um novo meio, que, para respeitar a referência à rainha, se tem de admitir seja o ambiente de corte), mas passa pela remoção de passos menos adequados à ortodoxia¹³ ou pelo acentuar de não contradição entre fé e experiência ou da pedagogia da vida terrena em ordem à purificação da fé¹⁴ e, com isso, por intensificação de recursos da *praedicatio*;¹⁵ alarga-se bem assim a uma valorização novotestamentária de Jerusalém celeste, no final do texto, com a correspondente superação de uma imagem veterotestamentária segundo a qual ficaria aberto o acesso ao lugar de onde o próprio Adão havia sido desterrado.¹⁶

Teremos nisso, porventura, a razão da encomenda feita pela rainha inglesa e a justificação do trabalho empreendido por Benedeit. Ao caracterizar-se ele a si, nessa mesma dedicatória de introdução, apenas pela sua condição de «apostoiles», é bem de reconhecer que não pretende chamar a atenção para quaisquer qualidades retóricas, mas pastorais,¹⁷ e que, pedindo protecção

13. Será o caso da supressão do *raptus* do monge da *NSB*, § 17. Cf. R. Bartoli, 1994, in *Benedeit. Il Viaggio di San Brandano*, pp. 22 ss.

14. «Deus quis conduzir-vos aqui / porque quer instruir-vos melhor: / quanto mais verdes os seus prodígios, / tanto mais acreditareis n'Ele» (vv. 473-476).

15. Com reflexões complementares da narrativa, insinuação de um sentido moral – tudo o que Brandão pede a Deus tudo lhe é concedido, com insistência na confiança em Deus que acorre em todas as ocasiões de perigo, dados que, subjacentes nos factos narrados na versão tradicional, agora se tornam mais explícitos.

16. Uma concepção deste tipo parece estar patente na introdução, vv. 48 ss: «Brandão reza a Deus frequentemente que lhe mostre o paraíso onde Adão teve o seu assento primeiro, o qual é nossa herança, mas de onde nós fomos deserdados. Bem cria ele que ali haveria grande glória, tal como nos diz a verdadeira história, mas mesmo assim queria ver onde deveria por direito assentar-se, mas por pecado Adão falhou, pelo que ele e nós fomos postos fora». No entanto, no final, Brandão apenas é admitido à entrada do paraíso sem vislumbrar sequer a glória dos bem-aventurados; um rio continua a servir de separador visível do paraíso verdadeiro, que fica prometido a Brandão para depois da morte corpórea. A incomunicabilidade com esse outro lado do paraíso parece contradizer a hipótese de que Benedeit pudesse querer interpretar a concepção de que o paraíso era um lugar de espera pelo juízo final (cf. Marie-Louise Rotsaert, 1996: *San Brandano, un antitipo germanico*, Roma, p. 23; o facto de tal doutrina ter sido condenada como herética em 1240 comprovará que, mau grado a doutrina afirmada desde o séc. iv, prevaleciam outras interpretações). A superação dessa doutrina não pode deixar de ser tida em conta com a eliminação do episódio da Ilha dos três coros, que na *NSB* é o lugar de retenção de um dos três monges perdidos por Brandão. A possibilidade do regresso ao paraíso terreal está expresso em legendas como aquela que pretende que o madeiro da Cruz em que Cristo foi crucificado foi tomado de árvore tirada por Set desse paraíso a pedido do próprio Adão.

17. O conteúdo não pode certamente situar-se fora desse alcance, qualquer que fosse a posição de Benedeit na hierarquia eclesiástica ou na vida de corte junto da rainha; é verdade que o termo «apostolicus» remete para uma ligação com a sé apostólica e não pode ser indiferente a ligação

para o trabalho realizado em nome da dedicação (ou serviço de um súbdito para com a sua suserana), manifesta suficiente modéstia para se arrogar pretensões literárias.

Admitamos que, no mínimo, estas *lhe* eram reconhecidas para *lhe* ser pedido o trabalho. No entanto, provavelmente aos dotes literários sobrepunha-se uma intencionalidade de introduzir em leituras e orientar na recuperação do seu valor significativo. No caso concreto, a incidência sobre um texto tradicional¹⁸ induzia ao reconhecimento da importância desse mesmo texto no meio a que chegavam os novos senhores; por outro lado, a reelaboração literária permitia introduzir níveis de leitura. Se acentuar o «sens» era objectivo a ter em conta, Benedeit era o homem escolhido. A aceitação de tais funções ganha, aliás, tanta maior relevância quanto, na dedicatória, Benedeit não deixa de saudar as esperanças abertas pelo novo ambiente de pacificação levado a cabo pelo rei Henrique I.¹⁹

Associando a rainha a essa actuação (sendo ela a garantia de que «prevalerá a lei divina e se afirmará a lei da terra», vv. 2-3, mas também de «conselho que há em ti», v. 6), está o poeta possivelmente já a reconhecer o pa-

que a Igreja inglesa tradicionalmente manteve com Roma, cuja *peregrinatio* foi tida em grande prestígio e era indutora de relações culturais abundantes e fecundas com o continente (para um período mais alto, mas sem interrupções significativas, cf. Wilhelm Levison, 1956: *England and the Continent in the eighth century*, Oxford; para período posterior, cf. C. Selmer, ed. *laud.*, p. xxiii, com a bibliografia aí indicada e bem assim B. Bischoff, «Il monachesimo irlandese nei suoi rapporti col Continente», in *Septimane di studio del Centro Italiano di studi sull'alto medioevo*, iv, Spoleto, 1957, pp. 121-138; L. Bieler, 1963: *Ireland Harbinger of the Middle Ages*, Londres). Infelizmente, no caso de Benedeit as informações são nulas, com a agravante de que, independentemente do nome da rainha que *lhe* dava apoio, desconhecemos os nomes de eventuais conselheiros eclesiásticos ou confessores. Segundo as fontes inglesas, o uso substantivado remete para o Papa (cf. R. E. Latham, 1973: *Revised medieval Latin Word List from British and Irish Sources*, Londres; 1975: *Dictionary of Medieval Latin from British Sources*, Londres, s. u.). A verdade é que, para o período em questão não se documenta qualquer Papa com o nome correspondente a Benedeit, nem é plausível que, a existir, se incumbisse de tarefas vindas de uma rainha inglesa.

18. Reconheça-se que a *Navigatio Sancti Brendani*, como texto organizado na forma vulgata que se *lhe* conhece, deve datar, pelo menos, da primeira metade do séc. ix (como pretende G. Orlandi, (1968): *Navigatio Sancti Brendani*, se é que não já de meio século antes (a aceitar a reinterpretação de dados proposta convincentemente por David N. Dumville, 1988: «Two approaches to the dating of «*Navigatio Sancti Brendani*», *Studi Medievali*, 29, 87-102, na sequência de J. Carney, in *Medium Aevum*, 32, 1963, 37-44); os manuscritos mais antigos conservados datam do séc. x e deixam entender uma divulgação bastante larga, ainda que a origem da redacção possa proceder da Lotaríngia.

19. «E cessará tanta guerra, pelas armas de Henrique, o rei», vv. 4-5. Trata-se de Henrique Beauclerc, assim chamado pela protecção concedida às letras. No campo militar teve de enfrentar diversas situações de guerra, como a que *lhe* moveu seu irmão, último filho de Guilherme, o Conquistador, em 1106, pela posse da Normandia.

trocínio efectivo por ela concedido aos homens de letras.²⁰ Que o escritor solicite patrocínio para ambas as versões, a latina e a vernácula (uma porventura já difundida, outra eventualmente só agora objecto de apresentação), deixa supor os mesmos condicionalismos ou vicissitudes de recepção para qualquer delas. Mas se as engloba a ambas num mesmo acto, sem qualquer discriminação ou distanciamento, nem quanto ao conteúdo nem quanto à forma, teremos também legitimidade para admitir que na perspectiva do autor havia identificação entre as duas. A diferença de uma relativamente à versão tradicional legitimária, por outro lado, a existência da outra, independentemente da língua utilizada. Nem sequer a forma métrica constituiria porventura variante significativa, se aceitarmos como demonstrada a persistência de estruturas da poesia latina medieval na métrica da versão vernácula,²¹ pois, se isso dá a probabilidade de o autor ser competente em ambas, não levanta menos a hipótese de ele se ter exprimido também em verso latino.

2. Neste domínio, pelo facto de, como já foi assinalado, não conhecermos qualquer testemunho da versão latina explicitamente assinada por Benedeit ou a ele atribuída, teremos de nos limitar a conjecturas.

Em contrapartida, documentam-se, pelo menos, três versões que se apresentam muito próximas do seu texto vernáculo. Duas delas são em prosa e uma em verso. A sua existência não deixa de oferecer, num primeiro tempo, um argumento contra a hipótese da existência da versão latina. Todavia, o contraste que se estabelece entre elas e o texto de onde derivam poderá também constituir argumento a favor, por igualmente elas corresponderem a reescritas integradas em procedimentos similares. O facto de a distância cronológica a que se situam ser reduzido (tendo em conta nomeadamente que um dos seus testemunhos pode ser datado de c. 1200)²² aduz elemento suplementar para considerarmos a adesão à legenda brandaniana naquele tempo (em contraste com o que Vicente de Beauvais, † 1264, um século depois, havia de revelar).²³

20. Escritores como Henrique de Huntingdon, na sua obra de cronista, e Philippe de Thaün, no *Bestiaire*, não deixariam de celebrar a rainha que habitualmente se identifica com Aaliz / Adeliza / Alice de Lovaina.

21. A opinião é suficientemente discutida e documentada por E. G. R. Waters, 1928: *The Anglo-Norman Voyage of Saint Brendan by Benedeit, a poem of early twelfth century*, cap. III da introdução, «Versification».

22. É o caso de Oxford, Bodl. Libr. 3496 (cf. Waters, 1928: *The Anglo-Norman Voyage of Saint Brendan by Benedeit, a poem of early twelfth century*, p. cv); mais tardio, possivelmente, do séc. XIII adiantado ou mesmo de séc. (1928): XIV é o Lisboa, BN, Alc. 380.

23. No *Speculum Historiale*, rejeita a legenda brandaniana por conter elementos fantasiosos: «Huius autem peregrinationis historiam propter apocryfa quedam deliramenta que in ea uidentur contineri, penitus ab opere isto resecaui».

Ora, o interesse dessas versões começa na proximidade literal com a versão anglo-normanda de Benedeit, especificamente por parte das duas traduções em prosa, que, de resto, abrangem todo o texto, ao contrário da terceira que se encontra em estado fragmentário.

São elas anónimas, facto que, a juntar à correspondência literal, alerta para a eventualidade de estarmos perante o próprio trabalho de Benedeit. Perspectiva, porém, a excluir e completamente ilusória. Efectivamente, para nos atermos apenas àquela em que o literalismo se nos afigura mais directo, a do testemunho alcobacense (Lisboa, BN, Alc. 380),²⁴ as razões de tal exclusão são muitas.

Devemos, antes de mais, reconhecer que o decalque de vocabulário²⁵ ou de frases inteiras²⁶ denuncia imediatamente uma dependência em sentido contrário ao que Benedeit deixa entender na citada dedicatória (a versão latina teria sido anterior à versão vernácula).

Por outro lado, há nessa versão, algumas variantes facilmente atribuíveis a infidelidades de um tradutor induzido por erro de leitura perfeitamente identificável na cadeia de transmissão do texto;²⁷ outras variantes derivam de interpretação sobreposta²⁸ e algumas outras devem remontar a perda de

24. Publicada por C. Selmer, 1957: «The Lisbon «Vita Sancti Brandani Abbatis». A hitherto unknown Navigatio-text and translation from old french into latin», *Traditio*, 13, 313-344, apresenta algumas deficiências de leitura e de estabelecimento de texto que procurámos sanar na nossa edição (cf. supra, n. 10). A outra versão latina é proporcionada por ms Oxford, Bodleian Lib., nº 3496. As diferenças entre a versão oxoniana e o texto de Benedeit são analisadas por Waters, 1928: *The Anglo-Norman Voyage of Saint Brendan by Benedeit, a poem of early twelfth century*, pp. cvii ss.; o seu texto de Benedeit é acompanhado por essa versão. Já C. Selmer acentuou as divergências entre essa versão e do testemunho alcobacense, salientando que «they have so little phraseology in common». O literalismo do alcobacense levam a restringir a apreciação do mesmo Selmer quanto às «earmarks of a pedantic, labored translation». A versão latina rimada (Londres, BL, Cotton, Vesp. D. ix, fl. 2-10) consta de 311 estâncias de 4 versos e rimados, com estrutura de 7 + 6, supre o episódio da Ilha dos três coros, mas mantém-se na dependência de Benedeit; cf. Waters, 1928: *The Anglo-Norman Voyage of Saint Brendan by Benedeit, a poem of early twelfth century*, pp. cxv ss.

25. Exemplos: *vitaile = vitale; viande = vitale; vus pris = precipio; guasteus = gastellos; neir calin = nigra calidine...*

26. Baste um exemplo: v. 405-7 *Al samadi lur vient uns mes, / De la part Deu salüet les. / Peil out chanut, oilz juvenilz = In die sabbati eis uenit quidam nuntius qui ex parte dei illos salutat; capillos habuit canos, oculos iuueniles.*

27. O caso mais flagrante parece-nos ser a confusão de «Bained», v. 827, com «Brandan», leitura que altera o sujeito da sequência narrativa; outros casos: v. 1401 *cors = cor; undes*, v. 919 = *ungues; lammes*, v. 1124, 1127, 1208 = *anime*.

28. Será o caso de; ex.: v. 492 «De ruge e blanc taceledes» = *quedam erant albe quedam rubea* (a referência são as folhas da árvore onde pousam as aves do paraíso).

texto no testemunho de uso²⁹ ou resultam de reformulação de dados de situação.³⁰

Além disso, se aparentemente não há distanciamentos relativamente ao texto de base (pelo contrário, o literalismo por vezes torna-se até inconsequente),³¹ verificamos que algumas omissões, sobretudo de passos de comentário e distensão que marcam o original de Benedeit, aduzem um aligeiramento da fonte que contraria processos relativamente regulares e por isso presumivelmente intencionais por parte daquele.³²

Retenha-se também a alteração das formas de interpelação ou relacionamento do protagonista da narrativa com os seus acompanhantes: enquanto na versão anglo-normanda, quase sistematicamente eles são tratados como *seignurs*, na versão latina em apreço apresenta correspondentes de inclusão que apontam para ambiente caracterizadamente monástico.³³

Advirta-se, bem assim, na exclusão de um traço de subjectividade, o único em todo o texto, que não passa para a tradução: no v. 171, uma apreciação do local de embarque dos viajantes é dada por Benedeit como a restritiva *ço crei*, enquanto o tradutor se distancia pela expressão indefinida *ut dicunt*.

Note-se, enfim, que um elemento tão característico da tradição brandianiana como é o nome do cetáceo, *jascoines* (v. 837) passa a nome comum de *piscis*.

29. Será o caso dos anjos decaídos representados pelas aves do paraíso, em que a omissão de uma frase dá origem uma incongruência de sentido: vv. 531-2 «Puis que out ço fait, lui servimes / E cum anceis obedimes»; a omissão faz com que, por acto do anjo principal que despreza a palavra de Deus sejam os outros anjos a sofrer o castigo: «Verba dei in dedignatione recepit [...]. Ideo sumus exules de regno ueritatis».

30. Comparem-se: «Et licentia eundi, gratia profectus, reddita» com v. 1606: «De ses bienfaitz graces l'en rent» («do bem que lhe fez dá-lhe agradecimentos»); a um primeiro juízo admitiríamos que a palavra transposta seria *gratia* que, tendo na versão latina valor gramatical, só encontra correspondência com a expressão vernácula se lhe for atribuído sentido pleno, associada a *reddita*. A verdade, porém, é que se trata de uma refundição feita pelo tradutor latino, que prefere não atender ao pormenor da oferta de água feita por Paulo, ermita, e anunciar que os viajantes se despedem porque vão partir.

31. O registo de tempo em v. 1428, com a menção de noa antes de meio dia, aceita-se por recurso poético, mas não faz sentido no registo de prosa.

32. A primeira ocorrência regista-se logo no final da segunda unidade narrativa, em que se desenvolve o alcance das penas do inferno. O tradutor apenas retém: «Et simul cupit uidere locum bonorum et infernum, scilicet locum malorum»; o texto anglo-normando alonga-se: «que prémio o castigo receberão todos. Também pede que lhe deixe ver o inferno e que tipo de penas terão ali os iníquos que por orgulho aqui tomam por seu atrevimento guerrear a Deus e a sua lei e nem entre eles têm amor nem fidelidade». Na terceira unidade, de Mernoc diz apenas o tradutor: «ut mos est iuuenum. incognita cognoscere exardebat»; o original assinalava: «Mas disso era ele muito desejoso de ir-se longe e de ser eremita. Com seu abade e seu padrinho ao mar se meteu e não em vão».

33. Sirvam de confronto: *amici*, v. 127; *fratres*, v. 329, 427; *dulcissimi domini*, 873; *fili mei*, 919, 1051; (em todo o caso, também Benedeit: *frere*: 987).

Não teremos assim dúvidas em considerar a versão do testemunho alcobacense da autoria de alguém já distante de Benedeit.³⁴ Outro tanto se deverá afirmar relativamente à versão do oxoniano.³⁵

3. Nem por isso se esgota o valor dessas versões. Situadas em dependência do texto de Benedeit, distanciam-se também dele pelo próprio obnubilamento dessa dependência e pelo aproveitamento que dele fazem.

Tal distanciamento revela-se logo numa pequena introdução que, em cada uma das duas versões, substitui a dedicatória de Benedeit. Assim começa o texto alcobacense: «Ut a dictis eorum comprobauimus, quorum professio erat non mentiri, et ut in annalibus libris scriptum inuenimus [patet] quod in temporibus patrum nostrorum...» Por sua vez, abre o texto oxoniano do seguinte modo: «Predecessorum sacra fasta³⁶ nostrorum ne taceantur, quoniam a sapientibus audita et memoria tradita mentis et locutionis et actus enormitates et labes resecant, et unicuique illorum recte faciendi que sua sunt maximam administrant idoneitatem, et ideo de quodam dei caro narrare decreui, ut facilius exemplum prebeat auditoribus, quoniam qui carum dei fieri se promereri satagit, nunquam a desiderio suo iusto defraudabitur, secundum quod dictum est: «querite et inuenietis, pulsate et aperietur uobis»».

Trata-se de passos breves, mas marcados e complementares na atitude que definem; tão breves que o primeiro não preenche mais que um inciso de texto e o segundo não ultrapassa um período; tão marcados que qualquer deles revela um juízo de recuperação de memória; complementares, também, numa atitude que é já diferente da de Benedeit.

A perspectiva que aí se colhe já não é especificamente hagiográfica, mas memorialista, o que traz desde logo a primeiro plano a substituição do tempo sacral pelo tempo histórico e a acção do redactor como uma actividade comprometida ou, no mínimo, empenhada em privilegiar essa mesma faceta; se a atenção se mantém voltada para o protagonista da narrativa, ela é encarada numa relação, não tanto de patrocínio, como de continuidade histórica e a sua recuperação como um exercício regenerador, através de procura de verdade. O texto alcobacense pressupõe um resgate da memória do tempo dos fundadores

34. Admita-se que provavelmente, como acontece com o testemunho *E* da tradição, o exemplar não conteria a dedicatória do prólogo, mas um substituto: «Seignor oies que io dirai / Dun saint home vos conterai / Dyrlande estoit Brandans ot mon / Molt ert de grant religion».

35. Cf. E. Waters, 1928: *The Anglo-Norman Voyage of Saint Brendan by Benedeit, a poem of early twelfth century*.

36. Ainda que o editor, E. Waters, 1928: *The Anglo-Norman Voyage of Saint Brendan by Benedeit, a poem of early twelfth century*, opte por corrigir em *facta*, preferimos manter a lição do testemunho, pois se nos afigura suficientemente marcada para justificar uma opção.

através de testemunhos que servem para ir ao seu encontro. Por seu lado, o oxoniano não afirma menos esse resgate como meio instrumental de regeneração, mas insinua também a exemplaridade da figura hagiográfica, através do traço específico do desejo de Deus e da sua busca.

A relação com o texto de base já não é, pois, a de tradutor (que serve o texto), mas a de recuperador de memória (que se serve do texto); a intenção não se prende com uma actualização de leitura, mas com a busca de fidelidade ao passado, num para assegurar a recuperação da figura de Brandão, noutra para influenciar comportamentos.

Os efeitos são de literalismo pronunciado, umas vezes, outras vezes de instrumentalização que não hesita em eliminar ou abreviar quando o texto de base introduz orientação de sentido; o texto é assim em boa parte um pretexto, pelo que, não obstante protestos de indagação das fontes, a busca se limita a um único testemunho, sem se preocupar com eventuais discrepâncias relativamente à própria lição mais tradicional (presumivelmente acessível).

Por outro lado, a fixação equivale a apropriação. Desaparece assim a marca de distância e de alteridade juntamente com a de autoria quer do texto primitivo quer do novo texto para predominar o interesse por um efeito final. O anonimato que resta remete para o indiferentismo da crónica (de que o pormenor atrás apontado da anulação do *eu creio* pelo *como dizem* é exemplo característico). O regresso à língua de cultura, em troca da linguagem quotidiana, funciona como um filtro de redução de sensações, de imagens, de comentários que abundavam no texto de onde se parte.

Neste nivelamento, cada versão é mais independente que autónoma, mas a independência só se consegue com a anulação das marcas explícitas de relação, e isso acarreta o risco da perda do sentido da continuidade que se pretende preservar, mas que se transfere para uma instrumentalização do texto. Factualmente, o texto é o mesmo. Simbolicamente, fica em boa parte amputado pela redução de distensões e comentários.

Em compensação, introduzem-se, na nova versão, elementos de passagem: com predomínio de *uero* para contraposição das intervenções das personagens, mas com alguns outros agenciamentos de unidade frásica através da introdução de copulativas ou de correlativos. Com isso reforça-se certamente a articulação das unidades narrativas, mas o mesmo não parece acontecer quanto à explicitação de um significado global do próprio texto.³⁷

37. Procurámos estabelecê-lo em «*Navigatio Brandani: aventura e circularidade*», in *A imagem do mundo – Actas de Colóquio*, org. Helder Godinho, Lisboa, 1992, pp. 215-223; o modelo do mosteiro como regulador de tempo e como espaço integrador de vida sob o comando do abade, revelador e intérprete das maravilhas da fé mas também responsável por uma pedagogia de superação dos perigos, parece impor-se numa perspectiva de conjunto.

4. Este aproveitamento de um texto em língua vernácula juntamente com a proliferação de traduções latinas e o acrescentamento de uma justificação que esquece a relação da dependência não é certamente dado anódino e parece tanto mais de atender quanto essas mesmas traduções aparecem em período não muito distante do original de que partem. No caso concreto a que nos reportamos, se, efectivamente, a redacção de *Benedeit* se situa por volta de 1120, e se um dos seus testemunhos mais antigos pode datar-se de cerca de 1200,³⁸ um dos manuscritos de tradução latina é praticamente contemporâneo dele.³⁹ Culturalmente, porém, não pode deixar de considerar-se significativo que se tenha obscurecido a dependência desse mesmo original relativamente ao texto de base e que não se lhe dê o relevo que uma recuperação do passado parecia pressupor.

Neste contexto, torna-se relevante uma questão complementar, a da eventual substituição da versão de autor pela de tradutor, com o que isso implica de actualização, ou, no mínimo, de validação de apropriações, por reescrita, frente a versões anteriores, mesmo quando apoiadas em tradição alargada. Compreende-se assim que a versão vernácula volte a ser posta na língua que foi o ponto de partida: talvez nisso haja tanto de obnubilamento como de nobilitação. Quando a difusão do texto primitivo parece assegurada,⁴⁰ poderia afirmar-se que se impunha a segunda parte da alternativa, ou seja a nobilitação do novo texto. Todavia, a racionalização que os incisos introdutórios revelam deixa entender a sobreposição de outros interesses que não directamente os de leitura, mas os de prova memorialista. A recuperação do tempo é condição para a recuperação de modelos e estes parecem condicionados pela garantia da-quele; a continuidade faz-se mais por regresso que por prolongamento.

Assim, uma nova tradução não significa necessariamente um contributo real para o relançamento do texto. A difusão limitada dessas mesmas versões parece mais o resultado de uma adesão a ele por parte de determinado meio de leitura do que propriamente uma iniciativa para o alargamento deste, o que condiz com o pressuposto de aproveitamento para outros fins.

38. Paris, BN, nouv. acq. fr. 4503, fl. 19v^o-42r^o. Cf. E. Waters, *Op. cit.*, cap. I «The manuscripts», p. xii.

39. Como fica dito acima, trata-se do ms de Oxford, Bodl. Libr. 3496 (cf. Waters, 1928: *The Anglo-Norman Voyage of Saint Brendan by Benedeit, a poem of early twelfth century*, p. cv).

40. Ainda que apenas seis testemunhos sejam conhecidos para a versão anglo-normanda de *Benedeit*, tal número deve ser considerado representativo de um quantitativo bem superior; aos manuscritos referidos por E. Waters, (1928): *The Anglo-Norman Voyage of Saint Brendan by Benedeit, a poem of early twelfth century*, vem juntar-se mais um ainda que fragmentário, da segunda metade do séc. XII: Cologny-Genève, Fondation Martin Bodmer, 17 (frag. 4 fols.); cf. Renata Anna Bartoli & Fabrizio Cigni (ed.), 1994: *Benedeit. Il viaggio di san Brandano*, Parma.

Os dados, neste caso concreto, são extremamente reduzidos, pois estamos confinados, que saibamos, a um único testemunho para cada uma das versões apontadas. Factores aleatórios podem estar na origem deste estado de coisas. No entanto, ele não pode deixar de nos interpelar quanto às razões de acolhimento dos substitutos textuais e às resistências da tradição.⁴¹

Por outra parte, para nos atermos, apenas, uma vez mais, ao testemunho que analisámos de perto, o do Fundo de Alcobaça, causa alguma surpresa que seja precisamente esta versão, que não se identifica totalmente com a versão tradicional da legenda brandaniana,⁴² a escolhida para fazer parte das leituras da comunidade cisterciense de Alcobaça. Nem sequer se pode apelar para desconhecimento de alternativa, pois ela existia no espaço de relações habituais daquela comunidade textual, uma vez que uma versão bastante mais próxima da tradicional existia na biblioteca dos regrantes de Santa Cruz de Coimbra.⁴³ Mas não nos pode ser indiferente que em Cîteaux, em 1206, se tenha autorizado que os monges irlandeses tenham recebido autorização para celebrarem a festa do santo, ainda que com a restrição de não poderem fazê-lo com sermão (possivelmente para travar opiniões menos ortodoxas de que Brandão podia intervir no inferno para minorar as penas dos condenados).⁴⁴

Não se tratando de versão assinada, não pesava obviamente na escolha o prestígio de autor. Ainda que seja arriscado presumir das razões de decisão, mas assumindo também que tal escolha não terá ficado só dependente de factores acidentais e aleatórios,⁴⁵ somos levados a aceitar que ou houve recomendação de tal versão por alguém que a privilegiava relativamente à tradicional ou algum dado nela solicitou o seu interesse.

41. Com razão se tem procurado perceber tal fenómeno na passagem da antiguidade clássica para os tempos medievais; cf. *Tradizione dei classici, trasformazioni della cultura*, a cura di Andrea Giardina, Bari, 1986.

42. Isso deixaremos mais explícito em análise introdutória à edição que temos preparada da versão alcobacense, onde recuperaremos algumas infidelidades de leitura deixadas por C. Selmer, (1957): «The Lisbon *Vita Sancti Brandani Abbatis...*», *Traditio*, 13, 313-344.

43. Encontramos no fundo de Santa Cruz, Porto, BPM, St Cruz, 34, fls. 111-117, e St Cruz 69, fl. 268v-273, uma versão da *NSB* que, pelos dados que possuímos, parece corresponder à versão II da *Nauigatio* e se encontra noutros testemunhos: Madrid, Real Acad. de la Hist., San Millán 10 (frag.), sec. XII; Oxford, Laud. Misc. 315, sec. XV; Paris, BN, 2444 (olim Colbert), sec. XIII; Paris, BN, nouv. Acq. Lat. 1606, sec. XI. Cf. C. Selmer, *Nauigatio...*, para estes manuscritos; não figuram aí os testemunhos que aqui mencionamos e que estão na base da nossa edição acima referida.

44. Cf. M. Esposito, 1938: «Sur la «*Nauigatio Sancti Brendani*» et sur ses versions italiennes»; Vincent Guy, *Recherches sur la Navigation de Saint Brendan: ms latin d'Alençon, B. Mun. 14 (X-XI siècle), Poème anglo-normand, de Benedeit (XII.e siècle)*, Aix-Marseille-1, 1982 (diss.).

45. O Alc. 380 não é paleograficamente unitário, pois apresenta dois núcleos distintos, mas codicologicamente não tem descontinuidade; um primeiro núcleo de textos, escritos na

São assim provavelmente de valorizar as duas pequenas introduções que aparecem a iniciar essas duas versões, aqui não tanto por elas constituírem variantes que as opõem à versão vernácula de Benedeit, mas por aduzirem razões que solicitam interesse num determinado meio e revelam mentalidade específica.⁴⁶

Merecem relevo também as diferenças narrativas que elas apresentam e que poderão corresponder a sensibilidades de leitura do texto de base. Não é efetivamente elemento menor o desenvolvimento circunstanciado que em Benedeit se dá aos padecimentos de Judas ou à descrição do Paraíso. Menos evidente será o valor de reajustamento narrativo causado pela omissão de dois episódios (o da Ilha das uvas e o da Ilha dos três coros), mas também ela não é elemento anódino quando percebido por eventual análise e não terá sido menos intencional por parte do autor.

Igualmente não terá sido indiferente que, a par de uma valorização da indagação testemunhal, a introdução apelasse para um ideal de repriminção das comunidades monásticas, em favor do tempo de fundação. Para os tradutores, a figura de Brandão não é apenas modelo de narrativa edificante, mas serve para articular o presente com um passado relativamente ao qual se pretende assegurar continuidade. Para os novos leitores, esse valor não terá passado despercebido. Se para os novos tradutores a transposição para a língua mais habitual de cultura se tornava exercício justificável e necessário para recuperação de um texto cuja língua (o anglo-normando) o tornava distante ou menos integrável, para os novos leitores, o resultado desse exercício facultava-lhes certamente um variante não indiferente para motivar uma escolha.

denominada «escrita francesa», é formado por *Collationes XI- XVII* de Cassiano (fl. 1-13v) e *De miseria conditionis humanae* de Inocêncio III (fl. 14-31); o segundo núcleo, em gótica quadrada, é constituído por *Vita Sancti Brandani* (fl. 31v-41), *Epistola Iohannis presbyteri regis Indiae* (fl. 41-44), *Epistola de regimine domus* (fl. 44-45) e pode ser datado do séc. XIII/XIV. Formando unidade com estes, mas tendo continuidade codicológica com o primeiro núcleo, onde aparece uma subscrição final de «Alfonsus de Tomerio» (fl. 31: «Explicit Inocentii de uita humane condicionis, quem scripsit frater Alfonsus de Tomerio»), admitiremos que a cópia do nosso texto foi realizada também em Alcobaça, por mão diferente da do primeiro núcleo, mas cronologicamente próxima. Não parece tratar-se de elemento errático eventualmente recolhido para evitar extravios; não excluimos mesmo que o conjunto do segundo núcleo forme uma unidade de leitura em que o valor intencional de cada texto se aproxime de um todo a que a *Vita / Navigatio* servisse de referência maior.

46. No caso concreto, e tendo em conta a referência analítica, não será porventura ilegítimo aproximar interesses e mentalidade revelados na salvaguarda de textos como o *De expugnatione Scalabis* e o *De expugnatione Salacie* que se encontram imediatamente depois das *Historiae* de Orósio no Alc. 415.

5. Parecem-nos assim possíveis algumas conclusões que, embora limitadas pela base das conjecturas formuladas, vão ao encontro de alguns factos e permitem aduzir-lhes alguma coerência:

a) a divergência das mencionadas introduções relativamente ao prólogo de Benedeit (onde não há as mesmas preocupações) é suficiente para assumir que nenhuma das versões em causa corresponde à versão latina por ele redigida a pedido da rainha;

b) a versão latina de Benedeit, cuja existência nos parece de postular, terá sido obnubilada pela versão vernácula, porque tinha contra si a difusão e o prestígio que a versão tradicional da *NSB* gozava;

c) a versão vernácula é recuperada e transposta para latim em momentos e em lugares em que, gerado o interesse por manter a repriminção do passado, havia necessidade de resgatar textos cuja linguagem se tornava obstáculo de leitura (como seria, no caso, o anglo-normando);

d) o interesse pelo texto de Benedeit, cujo nome se deixa cair no olvido, torna-se possível porque, não obstante a escassez de testemunhos, ele ocupara lugar de suficiente relevo em comunidades de leitores atentos à sua proposta de leitura;

e) pela própria forma de interpelação do protagonista aos seus companheiros de viagem, pode deduzir-se que os destinatários da versão vernácula de Benedeit eram de meio palaciano e que, inversamente, os destinatários das novas versões são de meios monásticos – a comprovação está no facto de que a forma de tratamento que em Benedeit era *seignurs* passa a ser em ambas as versões: *amici mei* (v. 127), *fratres* (v. 329, 472, 991), *fili mei* (v. 923, 1055);

f) a recuperação do texto anglo-normando de Benedeit, através de traduções latinas, faz-se, sem dúvida, por intermédio de cronistas que assumem a função de guardar a memória da comunidade monástica e, procurando fontes historiográficas correspondentes (como as que constam do testemunho alcobacense) são sensíveis aos textos aceites por essas mesmas comunidades;

g) a divulgação das novas versões parece ser restrita, quando comparada com a difusão da *NSB* ou mesmo de Benedeit; o prestígio da versão tradicional terá evitado a substituição, mesmo se o valor instrumental declarado na introdução era assumido;

h) o confronto das diferentes versões e particularmente dos textos introdutórios interessa ao reconhecimento da função do tradutor na recuperação e lançamento de textos e das suas leituras.

Apresentada sob modalidades diferentes, esta atitude de recuperação do passado corresponde certamente a um comprometimento historiográfico e remete

para um ambiente que tem de ser tanto mais alargado quanto não é de pressupor que, num mesmo local ou grupo, se procedesse a duas traduções paralelas do mesmo texto e tanto mais largo também quanto não parece que o trabalho de um tradutor fosse conhecido do outro.

Se nada nos garante que tenha havido intenção de afastar a versão tradicional da *NSB*, a coincidência na escolha do texto de Benedeit⁴⁷ e bem assim a semelhança de ponto de partida não deixam de sugerir que aos dois tradutores essa versão se apresentava sob perspectivas que justificava o trabalho de tradução e que porventura não estariam longe das que levavam a rainha inglesa a solicitar o trabalho do próprio Benedeit.

De qualquer modo tal hipótese postula que não se exclua a hipótese complementar de a coincidência no prólogo poder remontar a um arquétipo. No entanto, já nos parece mais difícil que tal arquétipo se identifique com o texto latino de Benedeit. A razão é simples: se ele fosse desse teor, o simples facto de estar na língua para a qual se pretendia verter (o latim), excluiria a reelaboração, a não ser que factores de ordem linguística ou narrativa levassem a superá-lo (condição que não parece verificar-se, por isso não parece legítimo pressupor).

Admitiremos, pois, que a versão latina de Benedeit estaria já perdida ou esquecida ao tempo em que se realizam estas traduções latinas. Elas fervem, por outro lado, para alargar a recepção feita à versão vernácula, como actualização de leitura do texto tradicional sem que os novos autores, por se manterem próximos do original a que recorrem, se assumam a ponto de revelarem a sua própria identidade. O anonimato esconde a função do novo tradutor porque a própria intenção não é tanto a leitura do texto como o seu aproveitamento instrumental.

47. Muito menos difundido que essa versão, pois aos 120 manuscritos dela apenas se podem indicar 6 para esta, com um caso, aliás, em que se verifica associação das duas versões num mesmo códice: ms Londres, BL, Cotton Vespasian B x (1): fl. 1-11 Benedeit; fl. 11v^o -21r^o, *Navigatio S. Brendani*.